
Sociologia neoestrutural e gênese organizacional: contribuições da teoria dos *Netdoms* ao debate sobre empreendedores institucionais

Antônio Carlos Andrade Ribeiro

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/intersecoes/459>

ISSN: 2317-1456

Editora

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Refêrencia eletrónica

Antônio Carlos Andrade Ribeiro, « Sociologia neoestrutural e gênese organizacional: contribuições da teoria dos *Netdoms* ao debate sobre empreendedores institucionais », *Interseções* [Online], 21-2 | 2019, posto online no dia 15 agosto 2019, consultado o 04 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/intersecoes/459>

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 agosto 2020.



Interseções - Revista de Estudos Interdisciplinares is licensed under a Creative Commons Atribuição 4.0 International.

Sociologia neoestrutural e gênese organizacional: contribuições da teoria dos *Netdoms* ao debate sobre empreendedores institucionais

Antônio Carlos Andrade Ribeiro

NOTA DO EDITOR

DOI: 10.12957/irei.2019.44212

Recebido em agosto de 2018-**Aprovado em** maio de 2019

Introdução

- 1 O problema central da teoria institucional consiste em desvendar o papel das instituições na determinação de resultados em processos sociais e políticos. Desde os anos 80, este trabalho tem sido desenvolvido a partir de três grandes abordagens teóricas que adjetivam o termo neoinstitucionalismo. Sem constituir uma corrente unificada, as perspectivas histórica, sociológica e da escolha racional oferecem enquadramentos diferentes, às vezes complementares, para o estudo das instituições (HALL; TAYLOR, 2003). Além das contribuições dessas abordagens, uma nova corrente veio oferecer mais um enfoque à teoria institucional. O desenvolvimento dos métodos de Análise de Redes Sociais edificou uma abordagem nomeada neoestruturalismo ou estruturalismo matemático, que encontrou uma elaboração teórica fecunda para análise das instituições sociais e políticas na teoria dos *netdoms*, apresentada no livro *Identity and control: how social formations emerge*, de Harrison White, base para o desenvolvimento de uma sociologia estritamente relacional.

- 2 A abordagem de White veio apresentar-se declaradamente com um modelo de análise institucional no artigo publicado em coautoria com o sociólogo americano John Mohr (2008): *How to model an institution*, em que apresentam as principais características da proposta. Retoma-se o trabalho de Mohr e White para discutir os impactos do modelo proposto pelos autores sobre o debate acerca da ação empreendedora (DIMAGGIO, 1988) e, conseqüentemente, sobre a noção de empreendedores institucionais. Antes, porém, expõem-se os principais elementos do estruturalismo matemático de Harrison White e seus seguidores. Busca-se revelar ao leitor como a proposta de análise institucional através do estruturalismo matemático em voga é capaz de resolver pontos de dissenso no campo da teoria das instituições, em especial: o problema da ação imersa e a discussão acerca da posição ocupada no campo pelos atores envolvidos em processos de mudança institucional. Sob o prisma da teoria de White, a hipótese deste artigo é: empreendedores institucionais são habilitadores de estilos fundamentais na elaboração de cenários favoráveis à participação de base voluntária ou onde recompensas não estão claramente visíveis.
- 3 Para fundamentar essa hipótese, o artigo está dividido em cinco partes. A primeira apresenta o neoestruturalismo de White e seus seguidores. Em seguida, discute-se a questão da emergência e mudança dos significados na teoria dos *netdoms*. Na terceira seção, é apresentada a aplicação desse enfoque na proposta do modelo de análise institucional desenvolvido por John Mohr e Harrison White. A quarta parte do artigo analisa o impacto da teoria de White sobre a discussão acerca da agência empreendedora, especialmente considerando o conceito de empreendedor institucional. Na quinta seção, ilustra-se o argumento desenvolvido no artigo, aplicando-o para identificar empreendedores institucionais envolvidos com a gênese de uma instituição. O artigo fecha tecendo as considerações finais.

Neoestruturalismo na abordagem Harrison White: a teoria dos *netdoms*

- 4 A teoria proposta por Harrison White parte de uma concepção randômica do mundo social. Para o autor, formações sociais resultam da interação entre identidades buscando controle em contextos turbulentos (WHITE, 2008). Desse ponto de vista, a organização do mundo social não pode ser conhecida de antemão, isto é, não é possível prever a organização social de um determinado grupo deduzindo-a de interesses prévios, como argumentam os teóricos da tradição racional-utilitarista, ou valores e normas internalizados que orientam a ação dos atores imersos em sistemas sociais, como supõe, por exemplo, o sistema teórico desenvolvido por Parsons (1966). Deste modo, a noção de indivíduo na sociologia de White perde centralidade para o conceito de Identidade.
- 5 Se na tradição racional-utilitarista a centralidade da categoria indivíduo se manifesta na explicação da ordem social a partir das "motivações racionais dos indivíduos" (COLLINS, 2009), e se é possível argumentar que na teoria parsoniana a relevância dessa categoria pode ser reconhecida na liberdade de escolha do ator individual em situações de ação, nas quais respondem voluntariamente às orientações valorativas e motivacionais, na teoria proposta por White indivíduos somente agem quando acoplados em identidades. Nessa teoria, indivíduos são concebidos como feixes de identidades, os quais ocupam lugar central na explicação da gênese e manutenção da

ordem social. Identidades, não indivíduos, esforçam-se para construir um alicerce social (*footing*) para ancorar suas posições no mundo, e assim elaboram sistemas interpretativos nos quais se autodefinem e através dos quais são definidos por outras identidades. Identidades buscam controlar incertezas na interação com outras identidades. Nesse processo elaboram um guia confiável para ação social. Embora atributos inerentes aos indivíduos possam influenciar a interação social, é sua afiliação a identidades que fornece a base para ação. Neste sentido, enquanto a categoria indivíduo remete a um elemento isolado com alguma capacidade isoladamente de agir, como nos casos das duas abordagens rivais citadas, a categoria identidade é um elemento relacional, define-se na interação com outras identidades; suas decisões e possibilidades de ação são mediadas pelos tipos de interações que desenvolvem dentro de domínios de redes, os *netdoms*.

- 6 Identidades emergem randomicamente no mundo social. Por um lado, atuam para estabilização das formações sociais sob as quais mantêm controle, por outro, buscam mudanças quando estão sob controle de outras identidades. Identidades se constituem e se definem no processo interativo durante a disputa pelo controle sobre as incertezas do mundo social. Não há, em relação às identidades constituídas, um conjunto de expectativas de comportamentos predeterminados. Os comportamentos das identidades resultam de um processo contínuo de negociação com outras identidades¹.
- 7 Indivíduos mobilizam suas identidades em diferentes domínios de redes denominados *netdoms*. Esses são compostos por significados compartilhados e redes sociais, termos em constante interação na vida social. Os primeiros formam o sistema interpretativo, que possibilita que a interação entre os atores sociais aconteça. As redes sociais, por sua vez, constituem um sistema interativo que garante a elaboração e reprodução dos significados compartilhados entre identidades. Os indivíduos acionam e suspendem suas identidades a cada acoplamento e desacoplamento em diferentes *netdoms*.
- 8 Todavia, White postula que as identidades podem circular entre diferentes domínios de redes e, ao fazê-lo, incorporam um leque diversificado de significados. Nesse processo, algumas identidades aumentam seu poder para influenciar, elaborar e reorganizar os sistemas interpretativos nos diferentes *netdoms* em que circulam. Ao mesmo tempo, afetam os sistemas interativos que, juntos, disparam ou dificultam a ação social. Isto é, à medida que identidades circulam entre diferentes *netdoms*, elas aumentam sua capacidade para manipular as ambiguidades da vida social e assim exercer maior controle sobre as incertezas desse universo (FONTDEVILA; WHITE, 2010).
- 9 Na abordagem do estruturalismo matemático, identidades podem agir sobre as formações sociais, assim como na teoria de Bourdieu (1977) agentes atuam sobre o campo (GODART; WHITE, 2010)²². “‘Estrutura’ e ‘cultura’ – [...] – são processos de segunda ordem que devem ser explicados a partir de dinâmicas subjacentes dentro de *netdoms*” (GODART; WHITE, 2010). O desafio consiste em analisar os mecanismos por trás de tais dinâmicas, pois delas a ordem social emerge como “*by-products* da multiplicação e da acumulação [de] processos de controle, os quais, inversamente, moldam a forma como identidades resultam dos processos sociais” (WHITE, 2008). Em outras palavras, cabe entender como as dualidades da vida social operam fazendo emergir significados e identidades imersos em sistemas relacionais semióticos e interativos que dão forma às associações sociais.
- 10 Sob o prisma da teoria dos *netdoms*, percebe-se que não é a simples adesão a um acordo formal, a presença nas reuniões, a subscrição em abaixoassinado ou a inscrição em uma

mídia social, em síntese, o desempenho de um papel social que faz emergir uma identidade. Mas são as posições assumidas pelos atores sociais em diferentes *netdoms* e expressas em padrões de relações sociais que relacionam atores às identidades específicas. Trata-se de uma dinâmica contínua de construção e reconstrução dos alicerces sociais que reduzem as incertezas da vida social, em que fins e meios estão em constante processo de reinterpretação³.

- 11 Identidades e não atores são a unidade de análise no estruturalismo matemático analisado aqui. Como se percebe, uma identidade não se reduz a uma pessoa física, no sentido mais usual que é empregado. White (2008) chama a atenção para a forma como grupos de indivíduos surgem aleatoriamente para controlar situações estocásticas. Destaca que não há nenhuma garantia de que esses grupos irão permanecer, mas, se isso acontecer de forma regular ou em outros contextos, os grupos podem ser percebidos como identidades. Em tais situações, contos padrões são compartilhados e narrativas são pactuadas e, apesar de conflituosos e inconsistentes, começam a gerar identidades que diferem entre si em força, visibilidade e longevidade. Na teoria whiteana, uma identidade pode ser assumida por um grupo ou por pessoas. Fala-se em identidade como pessoas ou coletivos buscando controle. Quando essa forma de identidade encontra alicerce (*footing*), pode-se substituir a palavra *identidade* por *posição* em um *netdom* (WHITE, 2008). Portanto, uma identidade é uma posição no mundo social. Além desse sentido, White aponta mais quatro para o termo, todos eles conectados uns aos outros, só podendo ser separados analiticamente.
- 12 Um segundo sentido para o termo destaca as particularidades dos atores em um *netdom*, diferenciando-os entre os demais membros do grupo, dandolhes uma "face social". É nesse sentido que podemos falar, por exemplo, do empreendedor institucional como uma identidade. Mas identidade também pode ser um tipo mais complexo, considerando o trânsito dos atores entre diversos *netdoms* (família, trabalho, bairro, escola etc.). Neste caso, o terceiro sentido para o termo identidade resulta das contradições entre esses domínios de rede, "é o vestígio de identidades diferentes em diferentes *netdoms*. Essa identidade é um registro, por exemplo, de um ser humano mudando de *netdom* a *netdom* ao longo do tempo". O quarto sentido atribuído ao termo é próximo ao do senso comum. É "o que uma pessoa percebe ser seu *self* – uma história encravada narrativamente em jornadas através de diferentes *netdoms*" (WHITE, 2008). Um quinto tipo de identidade "está em um nível distinto que analiticamente é ainda mais abrangente que o nível da disciplina. Esse quinto tipo [...] é a forma na qual pessoas estão realizadas". (WHITE, 2008).
- 13 A abordagem Whitiana argumenta que formações sociais emergem de identidades buscando atenuar as incertezas da vida social. Com esse fim, identidades constroem alicerces sociais como guias para a ação social em *netdoms*. Godart e White (2010) ilustram esse argumento:

(...) a totalidade do Exército dos Estados Unidos constitui uma identidade; mas um soldado na frente de batalha é também uma identidade, como é uma casa de um veterano com sua família. Controle nesse contexto de guerra e paz pode assim ser tentado sobre um inimigo no campo de batalha, ou sobre vários componentes da opinião pública em casa. Alicerce (*footing*) pode ser encontrado na razão dada para a guerra – "Por que lutamos" é o título de uma série de filmes da Segunda Guerra do governo dos Estados Unidos – e na camaradagem de uma unidade de batalha ou na procurada tranquilidade da vida familiar.

- 14 Entretanto, o processo de organização da vida social está submetido a disciplinas. White (2008) destaca três disciplinas como auto-organizadores constitutivos da ação social: Interfaces, Arenas e Conselhos. Tais disciplinas estão associadas à ordem valorativa - respectivamente, qualidade, pureza e prestígio - que garantem a reprodução da organização social. Disciplinas representam molduras, regras diferentes que constroem identidades no processo de busca de controle. Esses auto-organizadores traduzem normalidades e hábitos e assim estabilizam identidades. Disciplinas são responsáveis pela forma da ação social, pois oferecem uma referência para a ação social apenas para contextos específicos. Deste modo, distinguem-se da ideia de normas e valores gerais, orientando a ação social em situações diversas dentro de um sistema social, como em Parsons.
- 15 Os desdobramentos do quadro conceitual proposto por White em *Identidade e Controle* fizeram-se refletir em diferentes teorias, tais como a teoria institucional, a teoria da cultura, a teoria dos movimentos sociais etc. Essas vêm incorporando dois pontos específicos da teoria dos *netdoms*: (1) uma abordagem processual, que destaca a emergência dos fenômenos sociais como produtos do processo interativo entre cultura (dimensão dos significados) e estrutura (dimensão da interação social) e (2) a elaboração de modelos de análise que buscam dar conta da dualidade entre cultura e estrutura. A teoria dos *netdoms* de White destaca que a vida social nasce de um processo no qual identidades procuram controle mediante a construção de alicerces sociais em contextos de incerteza. A noção de incerteza aqui está baseada na ideia de que a vida social é fundamentalmente imprevisível. Isso não significa negar a ocorrência de regularidades ou possibilidades de previsões. Neste caso, imprevisibilidade é assumida como um fato básico da vida social inerente às relações sociais. Assim, a forma assumida pelas associações sociais responderia aos eventos específicos que disparam identidades, cujo resultado não pode ser antecipado.

Emergência e transformação dos sistemas interpretativos: como surgem novos significados

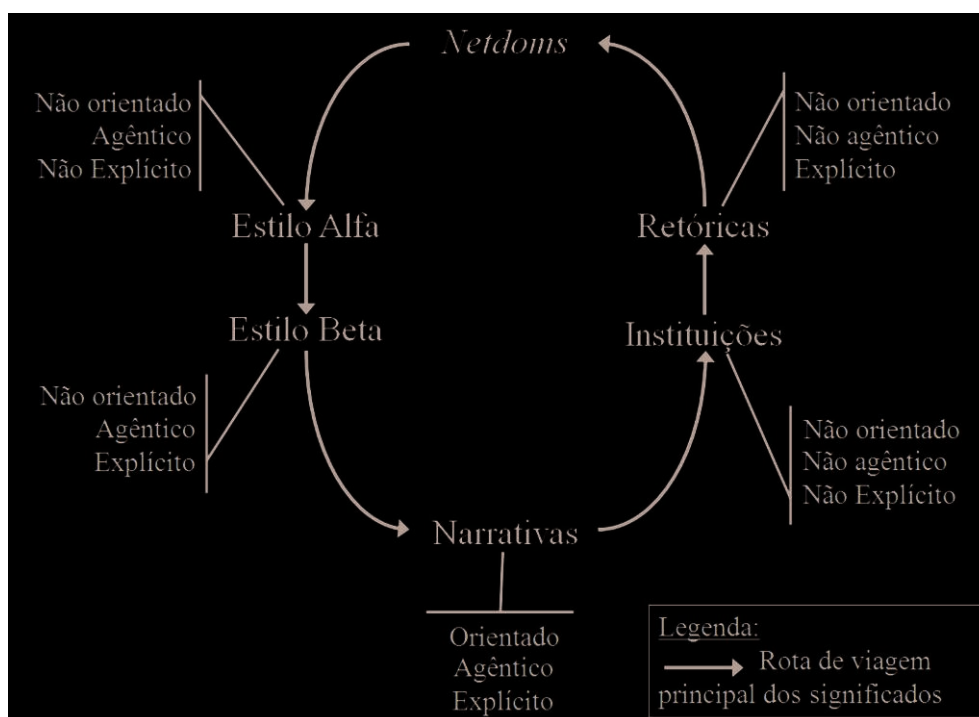
- 16 Em síntese, o argumento da teoria dos *netdoms* destaca que as formações sociais resultam de um processo contínuo de criação de estruturas de interação e domínios semânticos que visam diminuir as contingências e incertezas na vida social. A institucionalização da vida social não é o objetivo primeiro, instituições são criadas para atender às necessidades de reprodução de redes interativas e de significados estabilizados, elas sedimentam a codificação de significados. Neste argumento, identidades buscando controle atravessam *netdoms* e desencadeiam novos eventos. Elaboram novos significados e novos padrões de interação, isto é, novos *netdoms*. A mudança social é explicada a partir da habilidade das identidades de transitar entre *netdoms*. "O processo de mudança de *netdom* a *netdom* gera percepção, significados e representações, não o *netdom* em si próprio" representa uma fonte de novidade (GORDAT; WHITE, 2010). Instituições reúnem diversos *netdoms*, e sua legitimidade se estabelece a partir da interação entre as identidades que disputam os significados em cada domínio de rede⁴.
- 17 Significados são negociados entre as identidades, e seus sentidos estão vinculados aos *netdoms* a que pertencem, mas significados podem ser transferidos de um domínio de

rede a outro ou novos significados podem surgir a partir de reinterpretações à luz do contato com outros campos semânticos. As redes sociais, lócus da ação, adaptam-se a novas configurações semânticas que emergem desse processo e são moldadas por elas. Os novos domínios semânticos podem obstruir ou autorizar novas ações. Uma questão primordial corresponde à forma como o poder é exercido no campo (MOHR; NEELY, 2009). Em especial, considerando a dualidade entre agência e estrutura, tem-se que determinadas identidades manipulam campos semânticos e realizam seus interesses sem perder de vista os anseios coletivos.

- 18 A teoria dos *netdoms* postula uma rota de viagem que explica a emergência dos significados em um processo multinível. Inicialmente, os significados elaborados são articulados em histórias, as quais os "combinam em padrões transponíveis de relações, criando redes de significados evocáveis em diferentes contextos. [...]. Histórias são "scripts" que podem ser reproduzidos através de contextos sociais, históricos e geográficos" (GORDAT; WHITE, 2010). Elas atravessam *netdoms* e são geradas em públicos (conjuntos de *netdoms*) dotados de significados e expectativas que as estruturam e as mobilizam. Ao mesmo tempo, representam o conteúdo dos espaços comuns de entendimento, isto é, dos públicos.
- 19 Se pensarmos, por exemplo, no público da fiscalização e da transparência pública, o *netdom* das agências estatais e o das organizações civis são caracterizados por concepções e entendimentos sobre em quais atividades investir para otimizar a gestão pública. Eles constituem um chão firme para identidades circularem entre eles, um espaço comum para o desempenho da função de guardião do bem público. As histórias reproduzidas em narrativas são ativadas através de interações por meio de expressões verbais ou não, mas são histórias que circulam dentro desse público e entre esses *netdoms*. Por um lado, títulos, cargos, *status* são expressões não verbais que ativam histórias dotadas de significados e antecipam relações. Por outro lado, reuniões em uma comissão ou a plenária de um coletivo disparam interações que ativam histórias por meio de expressões verbais, a partir das quais as estruturas de significados resguardam-se e refletem nas estruturas interativas desse público. Histórias podem sofrer alterações em função do processo interativo entre as identidades⁵.
- 20 Na teoria dos *netdoms* histórias se perpetuam quando são transpostas em diferentes contextos e desaparecem quando isoladas. Elas podem ser reunidas em grupos de histórias pelos significados compartilhados, similaridades ou padrões formando grupos de histórias. Entretanto, "dada a ambiguidade intrínseca desses agrupamentos, uma história específica pode assim ser anexada a grupos de história diferentes, dependendo do contexto" (GORDAT; WHITE, 2010). Além desse ponto, grupos de histórias não são estruturas relacionais.
- 21 Nessa abordagem processual, como se vê, fragmentos vão pouco a pouco se sobrepondo para formar uma totalidade. Após destacar que significados em e entre *netdoms* são inter-relacionados em histórias e essas somam-se em grupos de histórias, Godart e White (2010) expõem o nível seguinte da produção dos significados: enredos e tramas. Enredos correspondem à forma como histórias são contadas, ordenam eventos em uma estrutura temporal coerente e variam de contexto a contexto. Tramas são idênticas em diferentes contextos. Trata-se de algo como a "moral da história", a qual pode ser contada através de diferentes enredos. Tramas são genéricas, enquanto enredos são específicos. Nota-se uma dualidade entre tramas e enredos: tramas se alimentam de enredos, e enredos se alimentam de tramas. Os autores destacam a carreira acadêmica

como um exemplo de trama, em torno da qual podem se desenvolver vários enredos. Enredos ordenam histórias, e tramas dão forma ao conjunto.

- 22 O nível mais complexo de sobreposição do estruturalismo matemático de White encontra-se na relação entre estilos e narrativas. Ambos aparecem como guias de mudanças em formações socioculturais amplas. Estilos representam "a fonte de ação social, mas não necessitam ser orientados" (GORDAT; WHITE, 2010). Eles resumem guias de ação que podem introduzir estabilidade ou mudança social. Expressam não só um jeito de ser e pensar de identidades, mas concebem a relação entre elas. Ações orientadas por estilos geram, transformam ou estabilizam instituições.
- 23 Estilos são desenvolvidos ao longo do tempo, mas podem ser reconhecidos em diferentes épocas. No caso brasileiro, podemos notar como as ações dos movimentos sociais dos anos 70 e 80 (DOIMO, 1995) se constituíram um estilo particularmente forte e capaz de marcar a Constituição Brasileira de 1988. Nela deixou registrada sua concepção a respeito da relação entre Estado e sociedade⁶. Godart e White (2010) diferenciam entre estilos *alfa* e *beta*. Enquanto o primeiro tipo de estilo expressa espontaneidades e novidades, o estilo *beta* possui um alto nível de codificação e imitabilidade. Estilos *alfa* e *beta*, enquanto guias de ação, são as fontes de instituições duráveis e, ao mesmo tempo, os motores da mudança institucional.
- 24 Se os estilos guiam a ação, as narrativas mobilizam para a ação. "Narrativas são usadas no processo de mobilização, como uma ferramenta para convencer aliados e frustrar tentativas de controle adversário, seguindo padrões do tipo codificado de estilo" (GORDAT; WHITE, 2010). Narrativas são mecanismos para organizar e generalizar significados sociais. Seu grau de sucesso está relacionado ao tempo e ao espaço social estruturados por enredos e tramas. Trata-se de construtos generalizados que podem ser transpostos de um contexto a outro.
- 25 Na teoria dos *netdoms*, as instituições "podem ser vistas como corte através dos públicos [...]. Alguém pode distinguir tipos de públicos de acordo com as instituições comumente encontradas" ali (GORDAT; WHITE, 2010). Elas surgem de estilos betas e narrativas e são prenunciadas em retóricas, são coercitivas e alimentam certas regularidades dentro das formações sociais. Instituições, ao lado de estilo *beta* e narrativa, sedimentam a codificação de significados tacitamente imbuídos no estilo *alfa* em retóricas explícitas. Godart e White (2010) situam o quadro conceitual relacionado ao processo de emergência dos significados na teoria dos *netdoms* em relação a três dimensões: se o conceito é "orientado (*purposive*) ou não (i.e., se é caracterizado pela existência de uma meta), se é agêntico⁷ ou não (i.e., se geram ação nova ou não), e se é explícito (i.e., codificado ou não)". A Figura 1 ilustra a "rota de viagem principal para significados".

Figura 1 - Como os significados viajam na teoria dos *netdoms*

Fonte: Godart e White, (2010). Tradução do autor.

- 26 Somente narrativas são orientadas, geram ação e são explícitas. Instituições representam o contrário dessa situação: não são orientadas, não geram ação e não são explícitas. Elas consolidam estilos e significados, permitindo que estilos sejam replicados em outros contextos. Instituições e Retóricas são termos interativos, um sustenta o outro. Os autores argumentam:

Retóricas fazem instituições explícitas nos contextos culturais. Por exemplo, aperto de mão entre adultos é uma instituição em muitos países, mas no oeste é sustentada por uma retórica de relacionamento romântico, enquanto em outros lugares no mundo pode ser sustentada por uma retórica de amizade ou outras relações. Como instituições, retóricas são não propositiva, não agêntica, registram ações passadas, enquanto moldam e constroem ações novas. A explicitação de retóricas assegura a autossustentação de instituições. Histórias mobilizam retóricas na vida cotidiana e 'tornam-se mutuamente relatos compartilhados quando elas juntam públicos em retóricas' e, simultaneamente, retóricas transmitem-se através de histórias. (GORDAT; WHITE, 2010).

- 27 Nota-se que na teoria dos *netdoms* a dimensão interpretativa da vida social é tão importante quanto a dimensão interativa. Sob sua lente, podemos entender a lógica de emergência de significados a partir de processos interativos e sua estruturação em um sistema interpretativo amplo. A dualidade entre esses dois sistemas explica a emergência e a manutenção da ordem social. Assim sendo, cabe à teoria institucional desenvolver um modelo capaz de captar ambas as dimensões (interpretativa, interativa) para avançar nos temas da análise das instituições. Na próxima seção, expomos os elementos do modelo proposto por White e Mohr (2008) tendo em vista a aplicação da abordagem exposta até aqui.

Análise institucional sob o prisma do neoestruturalismo de Harrison White

28 De acordo com a formulação da teoria dos *netdoms*, John Mohr e Harrison White oferecem um modelo de análise institucional baseado em dois princípios basilares: relacionalidade e dualidade da vida social. Nesta proposta, a delimitação do conceito de instituições segue a formulação desenvolvida na teoria dos *netdoms*. Instituições são concebidas como não orientadas, sem capacidade para gerar ação nova e desprovidas de uma codificação explícita. Mohr e White (2008) destacam que as dificuldades atuais em elaborar um conceito robusto de instituição concentram-se em dois pontos: a incapacidade de abarcar toda a extensão da vida social e a limitação na teorização ampla do conceito. Os autores propõem enxergar além da “casca dura” das instituições, isto é, ir além daquilo que se deixa ver em sua função disciplinadora. Seus apontamentos superam, por um lado, a referência ao conjunto de práticas duradouras observáveis diretamente, tal como as instituições são concebidas pelas correntes histórica e da escolha racional do neoinstitucionalismo, e, por outro, a alusão ao conjunto de valores e normas que são externas e independentes dos atores sociais e de suas relações, como postula o neoinstitucionalismo sociológico. Instituições são concebidas como uma realidade simbólica e empírica que cria níveis entre a interação humana. Consistem em um sistema multinível que sobrepõe *netdoms*.

29 Para os autores, instituições sociais disciplinam a interação humana, mas são ao mesmo tempo influenciadas e reproduzidas por essa. “Instituições sociais são compostas de diferentes tipos de redes interligadas. Isso inclui as redes sociais que ligam os atores em várias relações sociais e sistemas de papéis” (MOHR; WHITE, 2008), tais como redes de amizade, de colaboração, de conselhos, de repasse de informações etc. Uma instituição é um fenômeno de nível meso, ela atravessa e conecta os diferentes domínios da ação humana. Instituições atravessam as dualidades da vida social e ligam o simbólico ao material, a agência à estrutura, o micro ao macro. Destarte, modelar uma instituição implica enfrentar a necessidade de incorporar à análise institucional as dualidades entre os diferentes domínios da ordem social. Esse elemento no qual se destaca a conectividade entre os atores configura-se no princípio da relacionalidade, que estrutura o modelo de análise desenvolvido pelos autores. Tal princípio não se limita à dimensão interativa da vida social, aplica-se também à dimensão interpretativa. Consequentemente, as instituições são compostas não só por atores ligados entre si, mas também por significados que se articulam em redes semânticas que dão sentido à vida institucional.

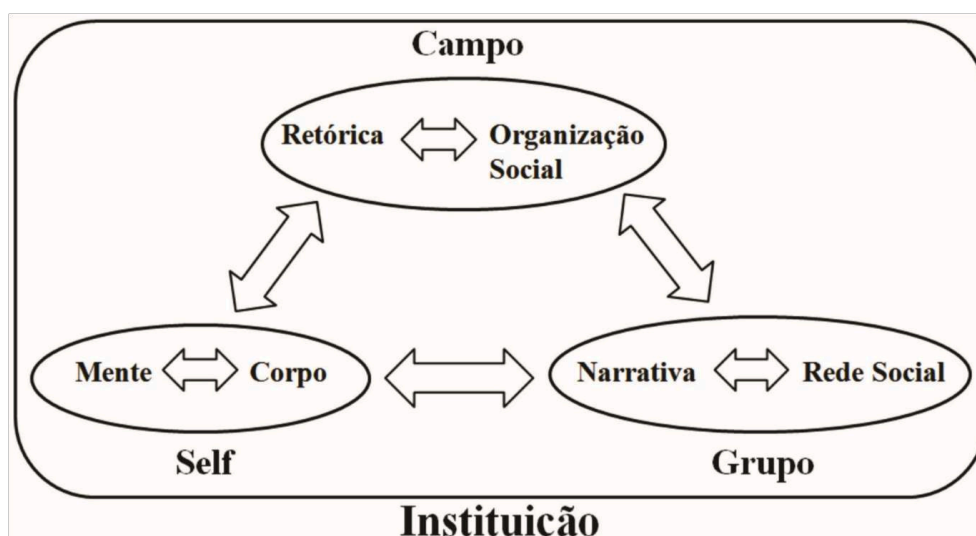
Assim, em adição às redes sociais, vida institucional é organizada ao redor de redes culturais, estruturas relacionais que ligam significados, valores, narrativas e retóricas em várias configurações estruturadas. Uma análise institucional necessita atentar para ambas as estruturas: os sistemas de discurso e os sistemas de interação social e para ligações que os uni (MOHR; WHITE, 2008).

30 Considerando que a vida social é marcada por dualidades, Mohr e White (2008) argumentam que as diferentes camadas da vida social (diferentes *netdoms*: trabalho, família, estudos, facebook etc.) configuram diferentes identidades que são conectadas pelas instituições. Entretanto, ressaltam que cada camada é marcada por dualidades entre o material e o simbólico. Para além de se analisar o sistema interativo entre atores sociais, deve-se focar também a dualidade entre o sistema interpretativo e as

estruturas que emergem da interação social. Por exemplo: a configuração de uma rede de amizade não se explica apenas pelos processos relacionais que envolvem os membros de uma população, tais como os processos de transitividade, de homofilia e de reciprocidade. A instituição amizade (como qualquer outra) se manifesta em função da dualidade entre os processos relacionais (dimensão interativa) e o sistema de discursos/narrativas compartilhado, que estabiliza um sistema de amizade (dimensão interpretativa).

- 31 Mohr e White (2008) ilustram seu argumento comentando o caso do sistema de castas indiano. Destacam que o sistema de castas se estabilizou e reproduziu-se não apenas em função de um conjunto de regras e valores, a cultura de uma sociedade. Além disso, o cultural está conectado a um sistema de interação, o sistema de parentesco, que se alastra entre as aldeias indianas. O modelo de análise institucional proposto destaca três tipos de dualidades como terrenos teóricos-chave para a análise institucional. Primeiro falam da dualidade entre estilos e instituições, uma releitura da dualidade agência-estrutura. Sob esse aspecto, cabe à análise institucional revelar como sobreposições de estilos desestabilizam instituições e como a emergência de um novo estilo faz surgir uma nova instituição. Além disso, explicar como instituições decretam estilos. Isto é, como disciplinam e organizam as percepções dos atores⁸.
- 32 A segunda dualidade destacada refere-se à interação entre o social e o cultural. O desafio para a análise institucional consiste em explicar a construção coletiva de significados a partir da interação social que resultem em narrativas conectadas em sistemas relacionais semióticos garantidores de uma face interpretativa à experiência vivida. Concebe-se que a interação social (as redes) se configura sob a influência dos valores compartilhados, sistemas interpretativos organizados como narrativas. Por sua vez, as narrativas circulam através das redes de interação.
- 33 O terceiro tipo de dualidade a ser considerado destaca a interação entre os níveis da vida social. Esse é um aspecto central para o modelo proposto, uma vez que instituições são concebidas como pontes entre os níveis da organização social. É esse papel que distingue instituições mais estáveis das formas mais transitórias. Os níveis micro, meso e macro (*self*, grupo e Campo) se ligam uns aos outros por relações duais. Além disso, dentro de cada domínio há mais dualidades, que expressam a dualidade entre o material e o simbólico, modeladas em uma análise relacional das instituições através de redes semânticas e redes de interação social. O papel das instituições é manter coeso esse processo dual. A Figura 2 extraída de Mohr e White (2008) resume esse argumento.

Figura 2 - Dualidades aninhadas dentro de uma instituição



Fonte: Mohr e White (2008). Tradução do autor.

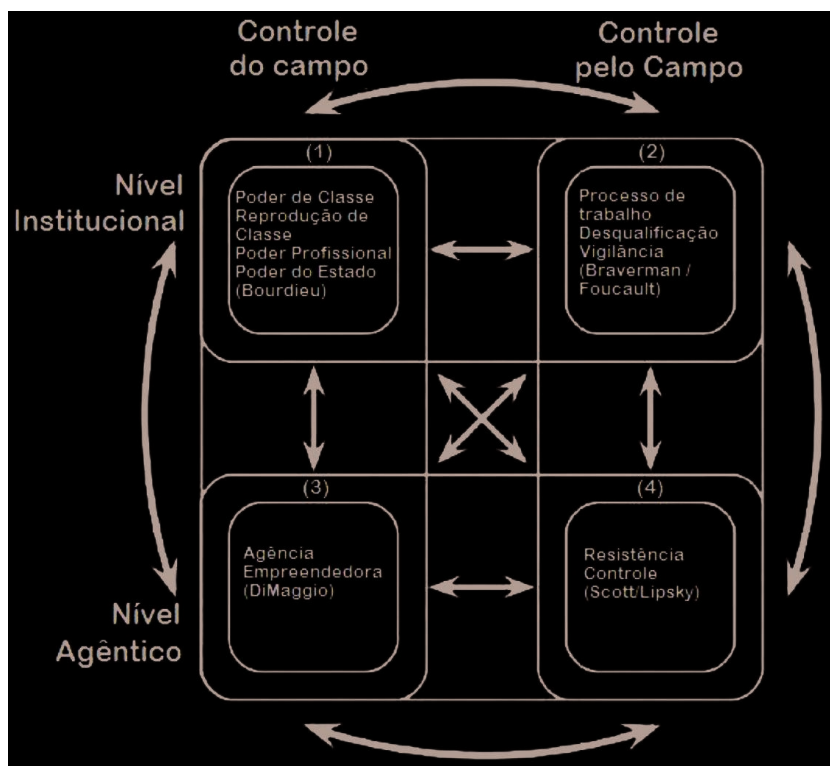
- 34 Para a perspectiva neoestrutural de White, as instituições sociais são um *by-product* das interações sociais e dos conjuntos de significados organizados e consolidados em um estilo que se torna hegemônico no campo organizacional. Tal estilo oferece um novo conjunto de valores que orienta as interações sociais. Assim, uma mudança institucional ocorrerá todas as vezes que estilos entrarem em conflito, isto é, todas as vezes que ocorrer a sobreposição de estilos divergentes que disputarão adeptos em público. Quando um estilo se torna preferível aos alternativos, acontece uma inovação institucional. Por outro lado, a estabilidade institucional, nessa perspectiva, está vinculada à capacidade das instituições de criarem pontes entre os níveis da organização social, conectando o micro ao meso (e macro), o social ao cultural e o agêntico ao estrutural. Embora reconheça a capacidade de agência das identidades e a influência das estruturas sociais sobre o comportamento, origem, mudança e permanência das instituições sociais, esses processos são explicados a partir da dualidade entre sistemas interativos e interpretativos disparados por eventos⁹.

A ação empreendedora sob o prisma da teoria do *netdoms*

- 35 Qual é o impacto da teoria dos *netdoms* sobre a teoria da ação empreendedora (DIMAGGIO, 1988)? De maneira ampla, essa questão pode ser respondida considerando a discussão sobre o empreendedor institucional realizada no campo da sociologia das organizações. Mohr e Neely (2009), referindo-se ao estudo do poder em campos institucionais, destacam duas dimensões do exercício do poder institucional interligadas entre si. De um lado, destacam níveis de análise na vida social distinguidos entre agêntico e institucional, a exemplo de DiMaggio (1988). Por outro lado, apoiados em Lawrence (2008), destacam a relação dos atores com o campo, diferenciam os empoderados, que disputam o controle do campo, e os não empoderados, que estão diretamente sujeitos às formas de controle geradas *pelo* campo. O cruzamento das duas

dimensões revela quatro subdomínios diferenciados pelo nível e pela forma de poder exercido na experiência institucional (Figura 3).

Figura 3 - Poder em campos organizacionais: nível de análise e relacionamento para o controle



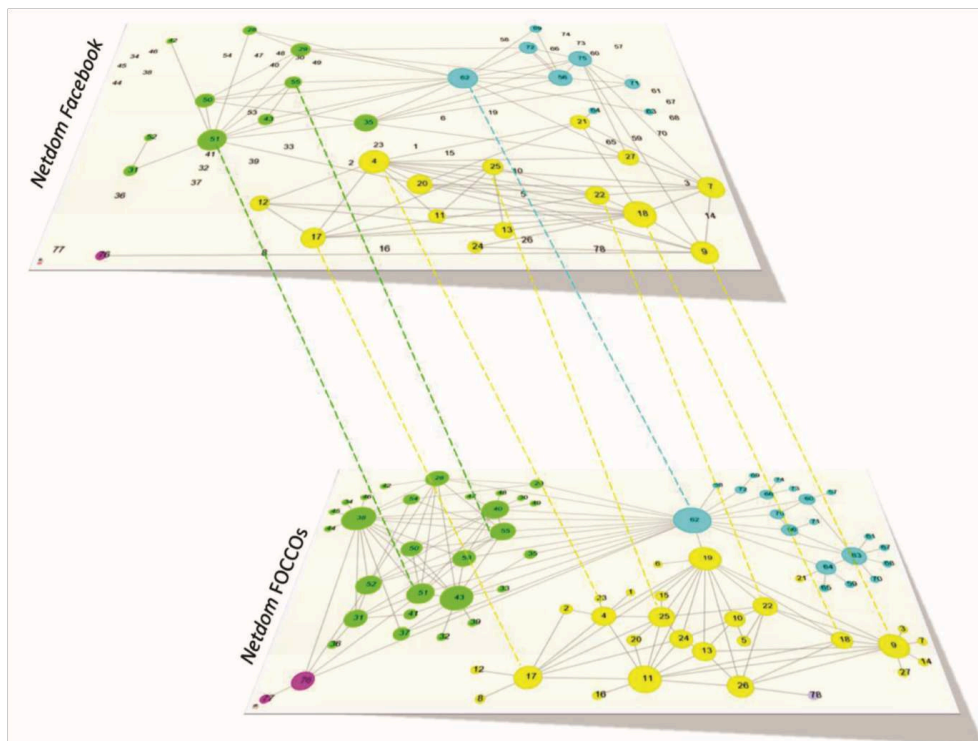
Fonte: Mohr e Neely (2009). Tradução do autor.

- 36 Embora interligados e mutuamente dependentes, os autores apontam que esses subdomínios podem ser analisados separadamente, uma vez que apresentam uma lógica institucional de ordenação própria e coerente. Neste modelo, a ação dos empreendedores institucionais se desenvolve no subdomínio caracterizado pelo nível agêntico e pelo sistema de poder em que atores disputam o controle do campo, conforme destacado por Mohr e Neely (2009), o subdomínio 3 da Figura 3, isto é, o da agência empreendedora. Nesse subdomínio podemos analisar a relação entre poder e instituições e discutir o trabalho dos agentes empenhados em criar, transformar ou destruir instituições. A análise do subdomínio da agência empreendedora remete ao argumento de DiMaggio (1988) sobre as relações entre agência e instituição, especificamente o tema dos empreendedores institucionais. Estes são descritos como agentes capazes de manipular os recursos no campo e identificar oportunidades para realizar seus interesses. Tais atores empreendem projetos de institucionalização que moldam o campo organizacional. Para além de desempenharem o papel tradicional de empreendedor concebido por Schumpeter (1982), esses atores ajudam no desenvolvimento de atividades nas quais se encontram envolvidos e na constituição de novas instituições. Sob esse prisma, empreendedores institucionais são vistos como dotados de habilidade para motivar alianças políticas entre grupos muito diferentes, têm a capacidade de criar significados e elaborar ideias, mas vão além ao utilizarem esses produtos para induzir à cooperação (FLIGSTEIN, 2007). Eles são concebidos como atores dotados de recursos suficientes para promover alterações no campo. Tais

agentes introduzem novas práticas e novos sentidos para a ação, inovando ou alterando a configuração do campo. (DIMAGGIO, 1988; MAGUIRE; HARDY; LAWRENCE, 2004; FLIGSTEIN, 2007). No entanto, o desempenho desses atores depende, não raramente, de estratégias discursivas para sustentarem suas ideias a partir da elaboração de novos conceitos (MUNIR; PHILLIPS, 2005).

- 37 A noção de empreendedorismo institucional (DIMAGGIO, 1988) tem sido uma ferramenta útil aplicada às discussões sobre criação e mudança institucional. Ela combina as concepções "subsocializada" e "supersocializada" do indivíduo (GRANOVETTER, 2007) e, assim, apresenta-se com uma solução para a dualidade entre agência e estrutura. Deste modo, suaviza o peso das instituições como guias da ação social sem deixar de reconhecê-las, ainda que valorize mais a dimensão da ação individual. O debate sobre a agência empreendedora contribuiu, assim, para que a abordagem sociológica das instituições ajustasse sua explicação sobre a mudança e permanência das instituições, recuperando a capacidade de agência dos atores sociais.
- 38 Em geral, a literatura tem destacado que a promoção das mudanças em campo organizacional está vinculada à habilidade de alguns atores de enxergar além da estrutura na qual estão imersos e a partir de então empreender inovações a simplesmente reproduzir a estrutura existente. Selznick (1972), por exemplo, ao analisar o papel da liderança institucional, destacou que esse ator deve superar as questões técnicas, especialmente referentes à engenharia, necessárias para a produção eficiente, para, no agir político, conduzir o processo de institucionalização da organização por ela liderada. Para o autor, a liderança "vai além da eficiência: a) quando estabelece a missão básica da organização e b) quando cria um organismo capaz de preencher aquela missão" (SELZNICK, 1972). Entendendo o processo de institucionalização de uma organização enquanto assimilação de valores, o autor o destaca como o ponto-limite que distingue a simples gerência da liderança institucional, cujo principal objetivo deve ser com a integridade institucional. Mudanças institucionais exigem que determinados atores sociais mobilizem aliados, elaborem novos significados e operem mecanismos de cooperação a fim de realizar seus interesses. Selznick (1972) destaca que o
- trabalho do líder é testar o ambiente para descobrir que ordens podem tornar-se verdadeiras ameaças, mudar o ambiente encontrando aliados e outras fontes de apoio externo e preparar a sua organização, criando os meios e a vontade para resistir aos ataques.
- 39 Discutindo a questão, Baratter, Ferreira e Costa destacam o paradoxo da imersão ou da agência imersa. Esse problema se manifesta na dificuldade encontrada para explicar como é possível alcançar inovações via cooperação entre atores que também estão imersos no campo e, portanto, são "limitados na sua visão de possibilidades de mudanças e restritos em sua capacidade de enxergar além das fronteiras do campo" (BARATTER; FERREIRA; COSTA, 2010). Uma solução para o "paradoxo da imersão" é derivada da teoria da estruturação de Anthony Giddens (2003). Nessa perspectiva, o ator social é visto como um agente capaz de refletir sobre a estrutura na qual está imerso e reconhecer seus aspectos facilitadores e os constrangimentos que ela causa. A partir desse ponto, se julgarem necessário, os agentes sociais seriam capazes de promover a transformação da estrutura. Assim, a teoria da estruturação destaca fortemente a capacidade de agência dos atores sociais para analisar a relação entre instituições e comportamento, bem como para explicar a mudança institucional.

- 40 Entretanto, a proposta deste artigo é pensar uma solução baseada na perspectiva neoestrutural de White. O diferencial da abordagem dos *netdoms* encontra-se no foco dado às interações entre identidades e seu interesse pela capacidade dessas em elaborar ou transformar os significados que orientam tais interações. Cabe lembrar que essa abordagem procura explicar a emergência da ordem social e, conseqüentemente, a inovação institucional e a reorganização de campos organizacionais a partir do processo relacional entre identidades buscando controle sobre contextos turbulentos (WHITE, 2008). Desse ponto de vista, o mundo social é por natureza randômico, e sua organização não pode ser conhecida de antemão.
- 41 Como vimos, na sociologia neoestrutural, os indivíduos, ao circularem por diferentes domínios de redes (*netdoms*) e acionarem diferentes identidades, incorporam um leque diversificado de significados. Nesse processo, alguns indivíduos, enquanto um feixe de identidades diversificadas, aumentam seu poder para elaborar conceitos e, conseqüentemente, influenciar a reorganização dos sistemas interpretativos. O movimento de acoplamento e desacoplamento aos *netdoms*, momento em que os indivíduos se conectam a diferentes atores e campos semânticos, conduz à emergência de uma nova identidade no campo com poder de transformar os sistemas interpretativos e interativos que conjuntamente disparam e conduzem a ação social. Essa identidade com capacidade para manipular as ambiguidades da vida social e exercer o controle sobre as incertezas nesse universo é a que nomeio empreendedor institucional. Do meu ponto de vista, a teoria dos *netdoms* consegue explicar o surgimento e desenvolvimento desse tipo de agente, sem anular suas características apontadas pela literatura. Sob esse prisma, os empreendedores institucionais são considerados um tipo particular de identidade que transita por diferentes *netdoms* do campo organizacional.
- 42 A Figura 4 representa dois domínios de redes no campo organizacional da prevenção e combate à corrupção para ilustrar nosso argumento. O *netdoms Facebook* e FOCCOs compõem-se de estruturas relacionais diferentes (sistemas interativos), por meio das quais significados alternativos são vinculados a cada plano. Neste exemplo, os atores acoplados nos *netdoms* estão ligados por linhas contínuas, enquanto aqueles que conectam ambos os domínios de redes estão ligados pelas linhas pontilhadas. Isto significa que estes atores mobilizam diferentes identidades em cada domínio. Eles são capazes de interagir com os demais atores acoplados em cada *netdom* e de se apropriarem dos significados ali presentes, os quais reinterpretem e transportam de um sistema interpretativo para outro.
- 43 Na Figura 4, diferencio entre os *netdoms* primário e secundário. O primeiro refere-se ao principal domínio de rede que vincula os atores de um campo organizacional. No exemplo que estamos utilizando, as identidades interagem no campo da prevenção e combate à corrupção, dando origem a um novo domínio de rede para realizar ações vinculadas a esse objetivo. Esse *netdom* corresponde aos Fóruns Permanentes de Combate à Corrupção (FOCCOs). *Netdoms* secundários, por sua vez, são representados por outros domínios de redes pelos quais os atores que se acoplam ao *netdom* primário circulam. Sua importância para explicação da ação empreendedora se define pelo grau de sobreposição com o *netdom* primário, isto é, um domínio de rede secundário é tão mais importante quanto mais sua estrutura for semelhante ao *netdom* primário.

Figura 4 - Mudança entre *netdoms*: potenciais empreendedores institucionais

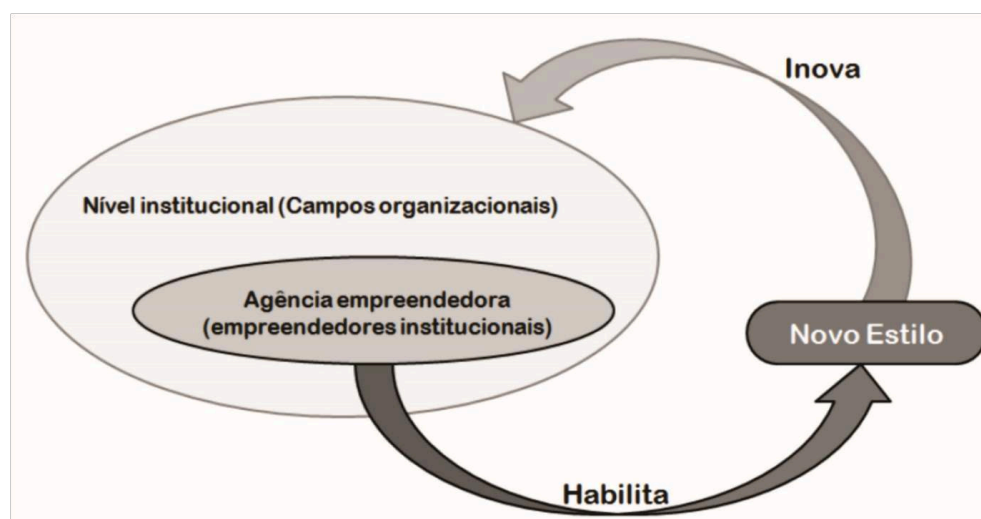
Fonte: Elaborada pelo autor.

- 44 O argumento central apresentado aqui consiste na afirmação de que empreendedores institucionais são identidades capazes de fundar e consolidar estilos em campos organizacionais. Tal processo é constitutivo de novos significados ou leva à reformulação de significados antigos que resultam em novos padrões de relações sociais responsáveis pela difusão e reprodução dos significados elaborados. Disso decorre que empreendimentos institucionais não dependem de uma "visão além do campo" para promover mudanças. Sua capacidade para alterar a organização do campo ou para criar novas instituições é concebida diretamente da habilidade de acoplarem e desacoplarem em diferentes *netdoms* e, nesse processo, assumirem uma nova identidade com poder de controle sobre as ambiguidades da vida social. Ao transitar entre os *netdoms*, empreendedores institucionais aprendem a manipular e criar significados, reorganizar sistemas interpretativos e interativos e, conseqüentemente, tornam-se habilitadores de estilos.
- 45 A aplicação da teoria dos *netdoms* à discussão sobre a agência empreendedora configura-se como uma nova solução para o paradoxo da imersão e para o dissenso em torno do posicionamento dos empreendedores institucionais no campo organizacional¹⁰. Sob esse ponto de vista, a agência empreendedora pode ser explicada por meio dos processos internos inerentes à dinâmica da vida social no campo. A posição do ator nos sistemas interativos, se centrais ou periféricos, é menos importante do que o fato de estar ou não conectado aos sistemas interativos. Por mais desfavorável que seja a posição de acoplamento em termos de centralidade, um ator, ao assumir qualquer identidade no *netdom*, terá a oportunidade de se apropriar dos significados que ali circulam e combiná-los com outros conceitos e ideias em outros *netdom*. Como

vimos, é essa capacidade que possibilita a inovação. Na linguagem da teoria de White, a formulação de um novo estilo.

- 46 A Figura 5 mostra como os empreendedores institucionais promovem a mudança no campo. A leitura do problema da agência empreendedora a partir da teoria dos *netdoms* destaca a habilitação de um novo estilo como o principal mecanismo de gênese e mudança em campos organizacionais. Logo, a ação da identidade de empreendedores institucionais no campo não é direta. A mudança institucional notada no campo não representa a intenção direta de atores promovendo seus interesses (vestidos da identidade de empreendedor institucional). Argumento que a gênese e a mudança institucionais resultam da tradução de um novo estilo habilitado por atores acoplados no centro dos sistemas interpretativos e interativos do *netdom* primário. Esse processo de tradução é apenas influenciado pelos interesses particulares dos atores acoplados na identidade de empreendedor institucional, sem direcionar a ação de forma determinante. A forma final da gênese ou da mudança institucional resulta do processo de negociação entre diversas identidades no campo, das quais o empreendedor institucional é apenas mais uma. Ainda que possua a capacidade de inovar no campo, essa identidade não pode impor seu ponto de vista e deve revisá-lo na interação com outras identidades. Ao contrário está o tempo todo envolvida em um processo que exige a busca constante do convencimento das demais identidades em interação e no qual é levada a reinterpretar alguns de seus posicionamentos.

Figura 5 - Agência empreendedora e campos organizacionais sob o prisma da sociologia neoestrutural



Fonte: Elaborada pelo autor.

Empiricamente, tais identidades podem ser localizadas, em parte, pelo alto grau de similaridade de seu discurso em relação aos demais participantes do campo, o que pode ser verificado a partir de sua centralidade no sistema interpretativo. Espera-se que a percepção dos empreendedores institucionais direcione as interações e as ações nos *netdoms*, uma vez que estes dominam o campo semântico e, por isso, possuem maior poder de convencimento em relação às outras identidades. Para além de interesses pessoais (conseguir uma promoção) ou organizacionais (cumprir a missão de sua organização), a atuação dos empreendedores institucionais expressa uma visão de

mundo. Valores, crenças e ideias são produtos de interações vivenciadas em *netdoms* e expressas de forma convincente no campo organizacional.

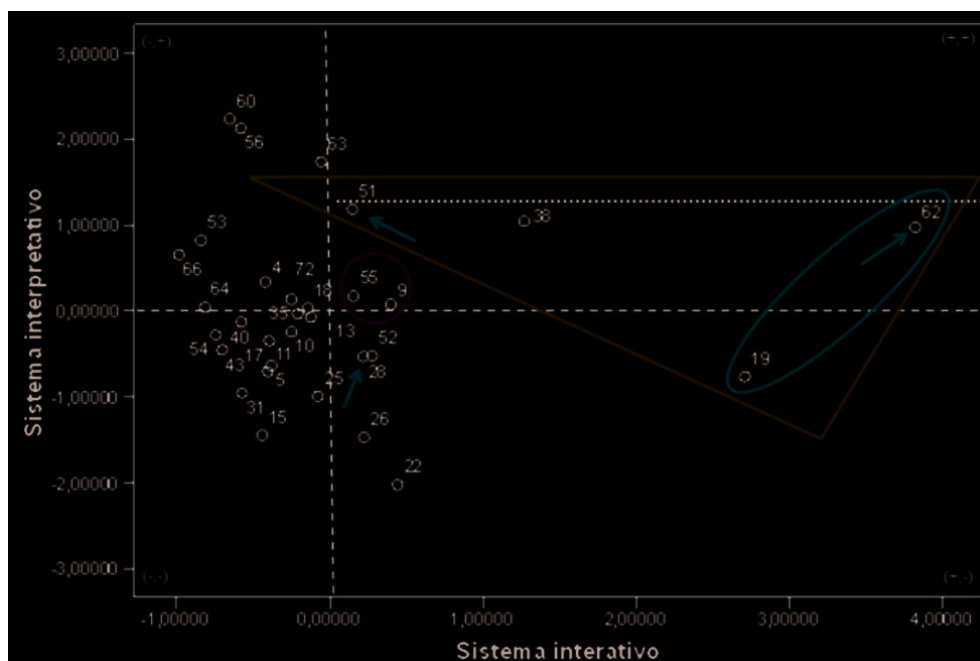
Por outro lado, empreendedores institucionais são centrais no sistema interativo do *netdom* primário, pois essa identidade apresenta maior capacidade de comunicação com as demais e, assim, pode alcançar mais facilmente a cooperação. Para além do prestígio dos atores que mobilizam a identidade de empreendedor institucional, mensurado pelo número de relações no sistema interativo, deve-se combinar outras medidas de centralidade e posição na identificação do posicionamento deles dentro dos *netdoms*. Para ilustrar essa estratégia, construímos um modelo de análise fatorial confirmatória e apresentamos os resultados na seção seguinte.

Empreendedores institucionais em *netdoms*: o caso dos Fóruns de Combate à Corrupção

- 47 Os dados apresentados nesta seção resultam de 31 entrevistas semiestruturadas feitas entre os dias 5 a 23 de agosto de 2013 para a pesquisa CAPITAL SOCIAL E DENSIDADE DE REDE: a produção da transparência e da fiscalização na gestão pública¹¹ nas cidades de Maceió-AL, Recife-PE e João Pessoa-PB. Os entrevistados selecionados apresentavam alta taxa de participação nas reuniões dos Fóruns. Buscou-se acessar a percepção desses atores sobre a gênese e a dinâmica de funcionamento das FOCCOs. O relato dos participantes permitiu a identificação de atores fundamentais na formulação e implementação das redes, bem como de atores empenhados em motivar sua continuidade. Todos os nomes foram citados espontaneamente em decorrência dos temas levantados nas entrevistas. Essas citações constituem laços de reconhecimento que estruturam a rede analisada aqui como uma *proxy* do sistema interativo. A relação dos entrevistados com palavras-chave ligadas ao problema da prevenção e do combate à corrupção foi utilizada como *proxy* do sistema interpretativo.
- 48 Garantimos o anonimato de todos os entrevistados em qualquer produto derivado dos dados coletados, por esse motivo nenhum nome foi citado. As falas que utilizamos para ilustrar nossos argumentos foram numeradas aleatoriamente de 1 a 78. Para além de remeter aos 31 entrevistados, a identificação inclui atores com baixo grau de reconhecimento, citados pontualmente, e com baixa participação nas reuniões dos Fóruns.
- 49 Para identificar empreendedores institucionais empenhados na gênese dos FOCCOs, a análise considerou variáveis do sistema interativo, composta por quatro tipos de centralidades e um indicador de desempenho em papéis de intermediadores¹² e variáveis do sistema interpretativo, formada por um indicador de importância dos vértices em relação ao uso das palavras-chave, um indicador de multivocalidade¹³ e os quatro tipos de centralidades¹⁴. Os resultados revelaram dois componentes principais, que explicam 89,76% da variância¹⁵. Os componentes representam proxys dos dois sistemas do *netdom* primário.
- 50 A Figura 6 mostra a relação entre os dois fatores, revelando a posição dos atores *netdom*. As posições condizentes com a identidade de empreendedor institucional estão associadas aos valores positivos nos eixos x e y. Nesse lugar do *netdom* FOCCO podemos observar os atores 9, 38, 51, 55 e 62. Em relação à imersão no sistema interpretativo, os dados revelam um limite para o posicionamento nessa dimensão. A linha pontilhada no quadrante positivo mostra que todos os cinco atores que ocupam esse espaço do *netdom*

estão abaixo desse limite. Por sua vez, a dimensão interativa parece responder pela forma diferenciada de acoplamento dos atores no *netdom*, em tese reflexo das funções que esses exercem no domínio de rede.

Figura 6 – Posições no *netdom* FOCCO



Legenda: tipos de empreendedores nos FOCCOs: setas = formuladores; elipse vermelha = difusores; triângulo azul = motivadores mais antigos; círculo verde = novos motivadores. (Legend types of entrepreneurs in FOCCOs: Arrows = formulators; Red ellipse = diffusers; Blue triangle = first motivators; Green circle = new motivators).

Fonte: Elaborada pelo autor. Dados de pesquisa (2013).

- 51 Para leitura dos resultados, consideramos ainda dados qualitativos coletados a partir de entrevistas semiestruturadas. Com base nestes, descobrimos que a identidade de empreendedor institucional, no caso analisado, possui três subtipos: formuladores, difusores e motivadores. A análise fatorial mostra posicionamentos diferentes para os três tipos. Nos FOCCOs, os empreendedores formuladores do estilo são apontados pelas setas vermelhas na Figura 6¹⁶. A identidade de empreendedor formulador parece perder importância no *netdom* primário à medida que a inovação institucional cria autonomia. Relações criadas por essa identidade são essenciais para gênese da inovação, mas, a longo prazo, as instituições dela derivada libertam-se das concepções de seus formuladores. Enquanto os atores 51 e 62, dez anos depois da inovação no campo, conservam-se nesse espaço do *netdom*, o ator 28 se deslocou do núcleo para um setor intermediário (quadrante (+, -)). Por um lado, esse deslocamento reflete a evolução da narrativa dos fóruns e, por outro, a habilidade de alguns atores de acionarem mais de um subtipo da identidade de empreendedor.
- 52 No primeiro caso, a ampliação da narrativa dos FOCCOs deslocou para setores intermediários ou periféricos do *netdom* atores com posições mais pontuais, como é o caso do ator 28. “E a ideia de atuação mais forte no sistema de controle, daquilo que é o papel do sistema de controle, do exercício do trabalho de cada órgão acabou deixando-se um pouco de lado para se voltar tão somente ao aspecto, aí é uma visão muito particular minha, para apenas o aspecto do exercício do fomento do controle social. Nesse momento eu achei que de fato a gente

tinha perdido uma oportunidade muito grande de focar... o que eu chamo de controle do Estado.” (Entrevistado 28).

- 53 No segundo caso, os atores 51 e 62 continuaram atuando entre os principais motivadores do estilo. Além dessa função, o ator 62 acionou também a identidade de empreendedor difusor. Sua alta centralidade no sistema interativo reflete o modo como ele circula nos *netdoms* da prevenção e combate à corrupção.
- 54 A posição que o ator 19 ocupa no *netdom* ajuda a entender um pouco o impacto das funções de difusores e motivadores na dimensão do sistema interativo. Embora localizado em uma posição intermediária (quadrante (+, -), a história contada pelos demais membros dos FOCCOs a respeito desse ator confirma sua atuação como um dos principais difusores e motivadores do estilo FOCCO no seu estado. Contudo, sua posição intermediária no domínio de rede parece associada à afiliação institucional, já que é o único representante de organização civil em posição de acoplar a identidade de empreendedor institucional.
- 55 O triângulo azul na Figura 6 destaca os motivadores atuantes desde o começo do movimento. Entre eles, o ator 38 é o único que não mistura sua atuação como motivador com a origem do FOCCO, seja na função de formulador ou difusor. Isto é, a posição do ator 38 no centro do *netdom* foi estabelecida a partir da sua inserção nas relações que se firmaram nos FOCCOs. O mesmo processo explica o posicionamento dos atores 9 e 55 (destacados no círculo verde) que despontam como novos motivadores. Assim como o ator 38, eles se acoplaram ao *netdom* FOCCO quando os fóruns já estavam instituídos. Os relatos durante as entrevistas mostraram que aos poucos esses atores passaram a assumir a posição de empreendedor motivador.

Considerações Finais

- 56 Neste artigo ofereci uma leitura do tema do empreendedorismo institucional sob o prisma da teoria dos *netdoms*. O argumento central foi que essa teoria, elaborada a partir da abordagem neoestrutural de Harrison White e coautores, oferece novo fôlego ao debate. Por um lado, ela ajuda a solucionar o problema da imersão e anular o dissenso sobre o posicionamento dos empreendedores institucionais em sistemas interativos. Por outro lado, leva-nos a enxergar esses atores como um tipo particular de identidade que tem a capacidade de manipular significados e, conseqüentemente, exercer maior controle sobre as ambiguidades que se manifestam nos campos organizacionais.
- 57 Para fundamentar esse argumento, apresentei os principais pontos do neoestruturalismo Whiteano. Destaquei os principais conceitos e o modo como os significados viajam na teoria dos *netdoms*. Em seguida, apontei como a teoria de White se aplica ao estudo das instituições. Neste sentido, foi apresentada uma nova proposta de análise para as instituições, cuja principal característica consiste na elaboração de um modelo que incorpora a dualidade entre sistemas interpretativos e interativos (o simbólico e o material). Por fim, desvendei como essa proposta de análise neoestrutural afeta diretamente um dos principais temas da sociologia organizacional: a relação entre agência e estrutura. Para isso, tratei especificamente do subdomínio da agência empreendedora abordando a discussão sobre o empreendedorismo institucional.

- 58 Terminei o artigo ilustrando a aplicação do modelo apresentado na identificação de empreendedores institucionais dos Fóruns de Combate à Corrupção. Mostrei o posicionamento dos empreendedores institucionais no *netdom* primário. Os resultados revelaram diferentes posicionamentos no centro do *netdom* primário que apontam a existência de três subtipos dessa identidade. Estes se distinguem em função de comportamentos especializados no campo, sugerindo que os recursos para a agência empreendedora são desigualmente distribuídos no campo. Por fim, destaco que a contribuição do neoestruturalismo para o debate sobre empreendimento institucional consiste em oferecer uma abordagem teórica que leva à elaboração de uma estratégia metodológica capaz de identificar empreendedores institucionais no campo. Essa abordagem postula que tal identidade é construída no cotidiano das interações no campo, que as três habilidades dos empreendedores são transitórias e que nenhum ator individualmente é capaz de sustentar inovações institucionais. Eles precisam mobilizar, negociar e coordenar, em um primeiro nível, a interação entre e com apoiadores da inovação institucional.

BIBLIOGRAFIA

- Baratter, Marystela Assis; Ferreira, Jane Mendes; Costa, Mayla Cristina. (2010). Empreendedorismo institucional: características da ação intencional. *Perspectivas Contemporâneas*, Edição Especial, p. 237-266.
- Battilana, Julie; Leca, Bernard; Boxenbaum, Eva. (2009). How actors change institutions: towards a theory of institutional entrepreneurship. *The academy of management annals*, v. 3, n. 1, p. 65-107.
- Collins, Randall. (2009). *Quatro Tradições Sociológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dimaggio, Paul. (1988). Interest and agency in institutional theory. In: Zucker, Lynne (org.). *Research on Institutional Patterns: Environment and Culture* Cambridge: Ballinger Publishing Co.
- Dimaggio, Paul; Powell, Walter. (1983) The Iron Cage Revisited: Institutional Isomorphism and Collective Rationality in Organizational Fields. *American Sociological Review*, Vol. 48, Issue 2, p. 147-160.
- Doimo, Ana Maria. (1995). *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ANPOCS.
- Fligstein, Neil. (2007). Habilidade social e a teoria dos campos. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 2, n. 47, p. 61-80.
- Fontdevila, Jorge; White, Harrison. (2010). Power from switching across netdoms through reflexive and indexical language. *REDES-Revista Hispana Para el Analisis de Redes Sociales* 18, p. 326-349.
- Giddens, Anthony. (2003). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. GODART, Frédéric;
- White, Harrison. (2010). Switchings under uncertainty: The coming and becoming of meanings *Poetics*. Volume 38, Issue 6, p, 567-586.

- Hall, Peter; Taylor, Rosemary. (2003). As três versões do NeoInstitucionalismo. *Lua Nova*, nº 58. p. 193-223.
- Granovetter, Mark. (2007). Ação econômica e estrutural social: o problema da imersão. *Revista RAE-eletrônica*, v. 6, n.1.
- Lawrence, Thomas. (2008). Power, Institutions and Organizations. In: Greenwood, Royston; Oliver, Christine; Suddaby, Roy; Sahlin, Kerstin (Ed.) *The Sage Handbook of Organizational Institutionalism*. Sage Publications, Los Angeles, CA. p. 170-197.
- Maguire, Steve; Hardy, Cynthia; Lawrence, Thomas. (2004). Institutional entrepreneurship in emerging fields: HIV/Aids treatment advocacy in Canada. *Academy of Management Journal*, v. 47, n. 5, p. 657-679.
- Meyer, John; Rowan, Brian. (1977). Institutionalized Organizations: Formal Structure as Myth and Ceremony. *American Journal of Sociology*. Vol. 83, 2, p. 340-363.
- Mohr, John; White, Harrison. (2008). How to model an Institution. *Theory and Society*. Vol. 37, 5, p. 485-512.
- Mohr, John; Neely, Brooke. (2009). Modeling Foucault: Dualities of power in institutional fields, In: Meyer, Renate; Sahlin, Kerstin; Ventresca, Marc; Walgenbach, Peter (ed.). *Institutions and Ideology. Research in the Sociology of Organizations*. Vol. 27. Emerald Group Publishing Limited, p. 203 - 255.
- Munir, Kamal; Phillips, Nelson. (2005). The birth of the "Kodak Moment": institutional entrepreneurship and the adoption of new technologies. *Organization Studies*, v. 26, n. 11, p. 1665-1687.
- Parsons, Talcott. (2010). *A estruturação da ação social: um estudo de Teoria Social com especial referência a um grupo de autores europeus recentes*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Parsons, Talcott. (1966). El sistema social. *Revista de Occidente*. Madrid.
- Parsons, Talcott; Shils, Edward. (1987). *Hacia una teoría general de la acción*. Buenos Aires: Kapeluz.
- Schumpeter, Joseph. (1982). *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural.
- Selznick, Philip. (1972). *A liderança na administração: uma interpretação sociológica*. Rio de Janeiro. FGV.
- White, Harrison. (2008). *Identity and Control: How Social Formations Emerge*. 2.ed. New Jersey: Princeton University Press.

NOTAS

1. Essa perspectiva diferencia-se da teoria dos papéis sociais em Talcott Parsons. Para esse autor, os papéis sociais são uma unidade dos sistemas sociais que oferecem um conjunto de expectativas que orientam a interação social entre os agentes dos sistemas sociais: "el aspecto procesual, que es lo que el actor hace en sus relaciones con otros, considerado en el contexto de su significación funcional para el sistema social. Esto es lo que llamaremos su rol". (PARSONS, 1966). Papéis sociais são constituídos tendo como referências normas, valores e os objetivos coletivos inerentes ao sistema social. Neste sentido, sua definição, seu preenchimento e sua execução são de responsabilidade da coletividade e subcoletividades que ocupam o sistema. No sistema teórico desenvolvido por Parsons, a noção de papel social cumpre a função de contribuir para a estabilidade do sistema social. É por meio da institucionalização dos papéis sociais que se realiza

a distribuição de funções e recompensas, um processo que integra as expectativas dos agentes criando direitos e obrigações de comportamentos esperados dos ocupantes de papéis sociais. A relação entre indivíduos e a constituição dos papéis sociais ocorre de maneira passiva. Embora os indivíduos, ao realizarem os papéis sociais, sejam livres para decidir o quanto realizarão das expectativas vinculadas aos papéis, conforme a avaliação das sanções advindas de sua decisão, eles não atuam diretamente na constituição dos papéis. A relação dos agentes com a estrutura de papéis sociais é mediada pelos processos de socialização e aprendizagem em Parsons. Todavia, papéis sociais só ganham vida quando realizados por indivíduos. Neste momento "cada actor se orienta hacia otros actores. Al hacerlo, el actor está actuando, no sirviendo como objeto". (PARSONS, 1966).

2. Neste trabalho, empreendedores institucionais serão considerados um tipo particular de identidade que transita por diferentes *netdoms* do campo organizacional. Em relação ao objeto de pesquisa dessa tese, empreendedores institucionais são a peça-chave na construção do sentido de termos-chave que orientam a ação nos três movimentos estudados. Por exemplo, ao circular por diferentes *netdoms*, elaboram um sentido para o que deve ser a participação dos diferentes atores nas instituições de combate à corrupção. Assim, se o significado do termo "participação", a definição do que é fazer parte se aproxima das diferentes concepções presentes no campo, será capaz de fundamentar uma narrativa que contorna disputas baseadas em status. Isso é essencial para garantir o empenho dos atores em um contexto de participação voluntária e de recompensa pouco tangível. A seguir desenvolveremos esse argumento.

3. Na teoria dos *netdoms*, o silêncio quanto à origem dos fins perseguidos por atores racionais nas teorias da tradição racional-utilitarista encontra uma solução alternativa à proposta por Parsons (2010). A definição dos fins e dos meios para ação social deriva do modo como identidades criam e recriam os significados e interações que orientam a ação social. Este ponto reforça o caráter processual da teoria, pois fins e meios podem ser reinterpretados na busca pelo controle das incertezas da vida social, sendo os próprios valores e normas reinterpretadas nesse processo.

4. Essa abordagem distingue-se de outras que colocam o processo de institucionalização no primeiro plano, a exemplo do neoinstitucionalismo sociológico, cujo valor do processo de institucionalização encontra-se na incorporação de normas e valores que assumem a forma de mitos capazes de garantir a legitimidade da forma organizacional e garantir sua sobrevivência. Tais teorias contribuíram ao mostrar que a busca por eficiência não se constitui o único objetivos das organizações. As formas organizacionais refletem a disputa pelo controle do campo à medida que precisam ser socialmente aceitas. Para isso, interesses específicos das organizações devem se submeter às regras institucionalizadas e aos valores culturais de seu ambiente. "...organizations are driven to incorporate the practices and procedures defined by prevailing rationalized concepts of organizational work and institutionalized in society. Organizations that do so increase their legitimacy and their survival prospects, independent of the immediate efficacy of the acquired practices and procedures" (MEYER; ROWAN, 1977). DiMaggio e Powell (1983) argumentam que esse processo torna as organizações de um campo similares. Os autores destacam três mecanismos que conduzem o processo: pressões formais e informais sobre as organizações (isomorfismo coercitivo); o grau de incerteza em relação aos fins e meios (isomorfismo mimético); a profissionalização (isomorfismo normativo). Nesta abordagem o processo de institucionalização é responsável por criar estabilidade. em ambientes organizacionais, difundindo modelos (mitos e cerimônias) socialmente legitimados que diminuem a diversidade de formas organizacionais

5. Este caráter processual da abordagem da teoria dos *netdoms* representa um avanço em relação ao trabalho de Parsons à medida que destaca o caráter dinâmico dos elementos estruturais que reduzem as incertezas da vida social. Vale lembrar que o sistema teórico de Parsons, apesar de focado na explicação da estabilidade da ordem social, concebe a possibilidade de mudança dos sistemas (ou mesmo sua extinção) a partir da resistência de subcoletividades em relação às

normas e valores que orientam o objetivo coletivo. Na teoria parsoniana, situações de descontentamento que conduzem à eleição de objetivos coletivos adversos aos elegidos pela coletividade dispararam os mecanismos de estabilização dos sistemas para reestabelecer o equilíbrio. Este pode ser alcançado com adaptações no sistema que levam à criação de novas funções para atender os descontentes. O fracasso neste processo pode levar à extinção de um sistema.

6. Isso não significa que no período pré-democrático outros estilos não estavam em disputa. Doimo (1995) destaca pelo menos duas posições dos movimentos sociais em relação à relação com Estado. Em linhas gerais podemos situá-los nas perspectivas do consenso e do conflito. A agência na teoria de White envolve o que poderíamos chamar de ação nova (inovadora ou transformadora). Não se refere a toda ação social.

7. A agência na teoria de White envolve o que poderíamos chamar de ação nova (inovadora ou transformadora). Não se refere a toda ação social.

8. Neste ponto a teoria dos *netdoms* aproxima-se da teoria dos mitos institucionalizados de Meyer e Rowan (1977). Enquanto essa última aponta a importância de regras e cerimônias institucionalizadas no ambiente organizacional como garantia de sobrevivência em detrimento da eficiência econômica, a primeira destaca a importância das narrativas aceitas que sustentam as instituições.

9. Se comparado ao sistema teórico de Parsons (1966), a teoria dos *netdoms* inova ao postular um processo de mudança em que valores e normas encontram-se registrados em narrativas que são negociadas pelas identidades que buscam o controle sobre as incertezas da mundo social. Nesses termos, mudança e estabilidade dependem da capacidade de negociação das identidades para apoiar estilos alternativos que sustentam narrativas e ocorrem como um fenômeno processual. Para Parsons (1966), a estabilidade dos sistemas sociais é garantida por normas e valores aos quais os agentes aderem via processo de socialização e aprendizagem. Cabe às coletividades proteger tais valores e normas convencendo seus membros a perseguirem os fins coletivos administrando sanções (positivas ou negativas). No modelo teórico de Parsons (1966), a presença do conflito é permanente, pois está associada à possibilidade de desajuste entre fins individuais e fins coletivos. Neste caso, há o reconhecimento de um mecanismo de mudança social, mas a mudança caracteriza-se mais traumática do que ocorre na teoria dos *netdoms*.

10. Ao tentar identificar os empreendedores institucionais, a literatura procurou testar a hipótese que afirma que esses seriam atores centrais nas redes interativas que se formam no campo organizacional. No entanto, os estudos empíricos não conseguiram confirmar essa hipótese. Observou-se que empreendedores institucionais, para além de ocupar posições centrais, podem ocupar a periferia dos sistemas interativos.

11. O trabalho de campo foi realizado com apoio do CNPq.

12. O indicador de desempenho em papéis de intermediários (*ipi*) varia entre 0 e 1. Procedemos da seguinte maneira: para cada ator somamos o número de vezes que desempenhou um dos seguintes papéis de intermediadores (coordenador, guardião e representante), chegando a um valor X para cada caso. Para criar a escala de 0 a 1, subtraímos o valor mínimo das somas (X_{\min}) do valor X e dividimos pelo valor máximo das somas (X_{\max}) menos o valor mínimo das somas. Logo, $ipi = (X - X_{\min} / X_{\max} - X_{\min})$.

13. O indicador de multivocalidade foi calculado da seguinte forma: atribuímos um valor para cada ator igual à centralidade do bloco do qual ele faz parte. Esse indicador varia de 0 (bloco isolado) a 6 (bloco de atores que se relaciona com 6 blocos de palavras-chaves). Em seguida, adotamos o mesmo procedimento descrito na nota anterior, para transforma os valores em uma escala de 0 a 1.

14. Especificamente: centralidade de grau, centralidade de proximidade, centralidade de intermediação e centralidade eigenvector. As medidas de centralidades para a rede de dois

modos foram calculadas no *software Ucinet*, uma vez que esse *software* realiza as adaptações necessárias para calcular os algoritmos de centralidades em rede de dois modos.

15. A análise de comunalidade indicou que era necessário retirar a centralidade *eigenvector* do sistema interativo do modelo de Análise Fatorial. Feito este ajuste, o modelo se adequou.

16. A análise qualitativa das entrevistas confirmou a importância desses atores como os formuladores do estilo, bem como os difusores e os mobilizadores nos fóruns. Por questão de espaço, não apresentamos esses dados aqui.

RESUMOS

Neste artigo proponho uma leitura do tema do empreendedorismo institucional a partir da sociologia neoestrutural de Harrison White. Argumento que essa teoria, por um lado, soluciona o problema da imersão e o problema do dissenso em torno da posição dos empreendedores institucionais em sistemas interativos. Por outro lado, leva-nos a enxergar esses atores como um tipo particular de identidade com capacidade de exercer maior controle sobre as ambiguidades que se manifestam nos campos organizacionais. Exponho os principais pontos do neoestruturalismo Whiteano e suas implicações para o estudo das instituições. Termino o artigo ilustrando a discussão teórica com dados empíricos sobre os empreendedores institucionais de uma inovação institucional. Os resultados revelaram a existência de três subtipos empreendedores, sugerindo que os recursos para agência empreendedora são desigualmente distribuídos no campo. Por fim, argumento que as habilidades dos empreendedores institucionais são transitórias e que nenhum ator individualmente é capaz de sustentar inovações institucionais.

In this paper I propose a review of the institutional entrepreneurship theme, based on Harrison White's neo-structural sociology. I argue that this theory, on one hand, solves the problem of immersion and the problem of dissent regarding the position of institutional entrepreneurs in interactive systems. On the other hand, it leads us to see these actors as a particular type of identity with the ability to exert more control over the ambiguities that manifest themselves in the organizational fields. I highlight the main points of White's neo-structuralism and its implications for the study of institutions. I conclude the paper illustrating the theoretical discussion with empirical data on institutional entrepreneurs of an institutional innovation. The results revealed the existence of three entrepreneurial subtypes, suggesting that resources for entrepreneurial agency are unequally distributed in the field. Finally, I argue that the skills of institutional entrepreneurs are transient and that no individual actor is capable of sustaining institutional innovations.

ÍNDICE

Palavras-chave: *netdoms*, empreendedor institucional, gênese organizacional, teoria institucional, sociologia neoestrutural

Keywords: *netdom*, institutional entrepreneur, organizational genesis, institutional theory, neo-structural sociology

AUTOR

ANTÔNIO CARLOS ANDRADE RIBEIRO

Doutor em Sociologia. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) e coordenador do Observatório de Inovações, Redes e Organizações – OIRO. *E-mail:* antonilos[at]gmail.com.